



PRÁTICA PEDAGÓGICA LIBERTADORA EM SOBRAL/CEARÁ: ESTUDANTES DA PERIFERIA E EDUCAÇÃO CRÍTICA E MARXISTA EM DEBATE

David Machado de Oliveira¹
Kananda Vasconcelos Nascimento²
Renato Almeida de Oliveira³

LIBERATING PEDAGOGICAL PRACTICE IN SOBRAL/CEARÁ: Students from the Periphery and Critical and Marxist Education in Debate

Resumo:

O artigo analisa a aplicação de uma prática pedagógica libertadora em contexto periférico urbano, com base nas contribuições filosóficas de Karl Marx, Paulo Freire, Enrique Dussel e Mauro Iasi. O objetivo é investigar como a educação crítica pode contribuir para o desenvolvimento da consciência de classe e para a emancipação de estudantes da Escola de Ensino Médio Doutor João Ribeiro Ramos, localizada em bairros marcados pela violência urbana em Sobral/CE. A metodologia adotada é uma adaptação do materialismo histórico-dialético na prática: confrontar um problema real, levando em conta a história de vida dos alunos, com abordagem descritiva e fazendo o relato de experiências pedagógicas vividas em sala de aula e em atividades externas. Para tanto, foram realizadas ações como rodas de conversa, debates, visitas a espaços culturais e participação em eventos sobre direitos humanos e história local, articulando teoria crítica à vivência dos alunos. Os resultados indicam que práticas educativas contextualizadas favorecem o engajamento dos estudantes, despertando a leitura crítica da realidade e a construção de sentidos para sua trajetória social e escolar. A integração entre conteúdo escolar, vivências pessoais e consciência política mostrou-se eficaz para romper com a lógica reprodutora do ensino tradicional e abrir caminhos para uma práxis transformadora. Conclui-se que, mesmo diante de obstáculos estruturais e contextos de vulnerabilidade, é possível desenvolver uma educação crítica, dialógica e emancipadora. O educador, ao reconhecer os condicionantes sociais dos estudantes, contribui para que eles assumam seu papel como sujeitos históricos e agentes de mudança.

Palavras-chave: Educação Libertadora 1; Consciência de Classe 2; Emancipação 3.

Abstract:

The article examines the application of a liberating pedagogical practice in an urban peripheral context, grounded in the philosophical contributions of Karl Marx, Paulo Freire, Enrique Dussel, and Mauro Iasi. It seeks to understand how critical education can foster class consciousness and the emancipation of students at Dr. João Ribeiro Ramos High School, located in socially vulnerable neighborhoods of Sobral, Ceará. The methodology adapts historical-dialectical materialism to educational practice by confronting real social problems while considering the students' life histories. Using a descriptive approach, the study reports classroom and extracurricular experiences, including dialogue circles, debates, visits to cultural institutions, and participation in events related to human rights and local history. These activities connect critical theory to the lived realities of the students. The findings suggest that contextualized and dialogical educational practices

¹Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA); Professor da SEDUC-CE, lotado na Escola de Ensino Médio Doutor João Ribeiro Ramos e na Escola de Ensino Médio em Tempo Integral Dom José Tupinambá da Frota;

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8385-003X>

²Mestra em Filosofia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA); Professora da SEDUC-CE, lotada na Escola de Ensino Médio Professor Luis Felipe;

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3945-0116>.

³Doutor em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará (UFC); Professor Adjunto do Curso de Filosofia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA);

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4524-2014>.

enhance student engagement, encourage a critical understanding of social reality, and help students construct meaning regarding their educational and social trajectories. The articulation between school content, personal experience, and political awareness proved effective in challenging the reproductive logic of traditional schooling and promoting a transformative praxis. The study concludes that, despite structural limitations and conditions of vulnerability, it is possible to develop a critical, emancipatory form of education that enables students to recognize themselves as historical subjects and active agents of social change.

Keywords: *Liberating Education 1; Class Consciousness 2; Emancipation 3.*

PRESSUPOSTOS EPISTEMOLÓGICOS

Qual o objetivo da educação, senão a busca pela liberdade humana? O caminho que se traça é árduo e cheio de incertezas. Como definir liberdade e como a educação pode auxiliar o indivíduo a chegar até ela? São alguns pressupostos para uma caminhada em busca da condição de se tornar livre. O sujeito deve conhecer. Seja o conhecimento das ciências empíricas ou das ciências humanas, ele deve conhecer. Conhecer o conjunto de relações sociais por trás dos elementos que compõem sua sociedade, assim como os elementos que compõem a natureza que o rodeia. Assim, não se pode ser livre sem conhecer o que lhe cerca, e o que é estranho deve ser compreendido para evitar interpretações equivocadas ou margens para pensar o que não existe. Quando não entendemos ou não percebemos a lógica por trás do conjunto de símbolos e ideias, de fatos e composições dominantes, somos jogados ao acaso ou para as determinações dessas dominações.

Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895) afirmaram, na obra *Ideologia Alemã* (1846), que o conjunto de ideias de determinada sociedade é representado pelo da classe dominante, ou melhor, da classe que domina materialmente e espiritualmente essa respectiva sociedade (cf. Engels; Marx, 2007, p. 47). Consoante, Paulo Freire (1921-1997) complementou que dentro dessas sociedades a pedagogia dominante é a da classe dominante. Evidencia-se, dessa maneira, a dinâmica estrutural desses grupos sociais que se baseiam, sobretudo, na desigualdade social, condiciona a dominação e o controle de consciências (cf. FREIRE, 2023, p.11).

No contexto da sociedade brasileira, que também se enquadra logicamente junto daqueles governados pelos interesses de grupos dominantes, a educação como prática de liberdade torna-se contraditória, ao ser comparada com a pedagogia que é imposta aos oprimidos. Freire postula uma pedagogia não para os oprimidos, mas dos oprimidos, e essa diferença é fundamental.

O filósofo Enrique Dussel (1934-2023), pensador latino e decolonial, posiciona-se de forma semelhante. De acordo com ele, as filosofias e teorias da libertação que propõem a liberdade de uma classe e povo dominado devem partir desses seres humanos. Ou seja, propõe uma filosofia da libertação que coloca o sujeito

da periferia como o agente ativo para construir sua emancipação⁴ através da práxis política, ética e social.

Essa educação como prática da liberdade precisa, também, ser fundamentada de anticolonialismo, pois as estruturas de poder que dominam a condição de países latinos, como o Brasil, são dotadas de ações e pensamentos coloniais. Ademais, a estrutura pedagógica dessas nações é formada para perpetuar as condições e determinações econômicas, sociais e culturais que permitem a efetividade desse cenário catastrófico de opressão. Dessa maneira, o sujeito que busca sua emancipação, no caso o dominado, precisa educar a sua consciência de forma ético-crítica - as vítimas, os oprimidos, os condenados da terra -, agindo e se organizando em comunidade, tal como Freire buscava, segundo o próprio Dussel (cf. DUSSEL, 2000, p. 427).

De acordo com Dussel, "o Outro, para nós, é a América Latina em relação à totalidade europeia; é o povo pobre e oprimido da América Latina em relação às oligarquias dominadoras e, contudo, dependentes" (DUSSEL, 1986, p. 196). Segundo Paulo Freire, a educação como prática da liberdade torna-se a pedagogia do oprimido. Assim, postula-se que a filosofia de Dussel é aquela realizada e elaborada pelos sujeitos dominados e privados da verdadeira liberdade. O que ambos têm em comum é mostrar que os caminhos para a liberdade dos oprimidos devem ser elaborados, traçados e caminhados por eles mesmos.

Nesse sentido, o professor ou a professora, diante da realidade do capitalismo tardio internacional e da dominação colonial dependente que perpetua a sociedade brasileira⁵, deve levar em conta que as estruturas que sustentam o sistema educacional em que ele ou ela atua, é cravado por todas essas características de produção e reprodução ideológica. E que essas reproduções irão afetar não só a forma e a eficácia do seu trabalho cotidiano, mas também a sua relação com os demais alunos, com os pais, com colegas professores, gestão e sociedade civil.

Aqui se faz presente o materialismo histórico de Marx e Engels: a indústria e o comércio. A produção e o intercâmbio das necessidades vitais manipulam toda a estrutura da distribuição e das classes sociais, essas últimas se modificam através do movimento do funcionamento da indústria, do comércio e da produção,

⁴Na tradição marxista, a emancipação através da educação é um conceito central e complexo, profundamente ligado à superação do sistema capitalista e da alienação humana: "Entende-se por emancipação humana o momento da verdadeira libertação do ser humano de todo esse processo de alienação. Isso se concretiza quando o ser humano finalmente compreende, seja teoricamente ou em sua prática, todas as características de funcionamento de sua sociedade e de seu gênero, de tal forma que a luz científica não seja algo que o cegue, mas que o faça ver onde seus olhos não alcançam (OLIVEIRA; NASCIMENTO; COSTA, 2023, p. 174).

anteriormente citadas. Todo esse conjunto de relações condiciona o funcionamento ideológico da sociedade, massificando, enraizando e fetichizando concepções construídas historicamente⁵.

Portanto, não há possibilidade de transformação positiva e de libertação, mesmo com as melhores intenções possíveis, conscientemente ou não, através dos mecanismos e sistemáticas do aparelho educacional vigente. Não pelo próprio sistema educacional ser limitado pela sua própria lógica de funcionamento e elaboração, mas pelo conjunto da obra. O conjunto de ações, culturas, pensamentos, epistemologias e ideias são, de toda forma, moldados pelos artificios da dominação.

Diante disso, como o educador pode educar, de forma crítica e propensa à libertação, se todos os mecanismos de dominação estão agindo contra a subversão? A consciência de si e a consciência para si, não de forma mecânica, mas dialética, o primeiro passo a ser dado. A consciência de si, como oprimido, proletariado, dominado, colonizado e marginalizado, e a consciência para si, ou seja, pensar e construir a criticidade para além de si mesmo e de sua condição, mas sempre levando-a em consideração.

Mauro Iasi, pensador latino e revolucionário, afirma que o momento em que a consciência assume a possibilidade de se entender como sujeito revolucionário diante da tarefa de mudar a sociedade seria com a assim chamada consciência revolucionária. Ou seja, a junção de uma dupla negação: negando o capitalismo (assumindo a si própria enquanto classe), assim como poderia negar criticamente o conjunto de dominação intrínseca da própria sociedade burguesa e negando a própria classe, para assim construir a emancipação do capital (cf. IASI, 2011, p.32).

Segundo Iasi, a condição de emancipação da classe trabalhadora brasileira não partiria apenas à dinâmica dos estágios de consciência dos sujeitos, mas, tanto para ele como para Freire, a verdade do opressor reside também na consciência do oprimido. Dessa forma, o educador crítico e consciente deve levar sempre em

consideração todas as estruturas de poder e dominação que o cercam, não para desencorajá-lo, mas para deixá-lo em alerta. Esse alerta da consciência pode dialeticamente mantê-lo acordado à condição de quando é confrontado por um poder grosseiro inteligível que foi criado por sua própria sociedade, de tal forma que o provoca danos em sua subjetividade, em outras palavras, a tal da alienação⁷.

Esses danos, não só subjetivos, como também empíricos, muitas vezes⁸, podem desestimular e vencer o educador no meio de sua trajetória. Assim, notar o momento da possível derrota é fundamental para analisar o próprio processo contraditório do movimento real, posto que não se trata de produzir conscientização para terceiros em uma relação apenas ativa, ou como se houvesse um produto a ser entregue. Por isso, o processo de conscientização ocorre de oprimido para oprimido e não de espectador para oprimido, portanto, pode estar sujeito a declínios e derrotas na história. Ademais, o educador não é sujeito passivo mediante os acontecimentos na história da luta de classes, visto que é vítima tanto quanto os educandos.

Esses pressupostos podem servir como base para a formação de técnicas pedagógicas, constituindo-se dos processos históricos e culturais que cercam o educador e sua consciência. Esse chão histórico não pode e nem deve ser ignorado. Além disso, o processo de conscientização não é apenas de conhecimento e reconhecimento, como afirma Ernani Maria Friori, mas, especialmente, de compromisso com a causa da libertação (cf. FRIORI, 2023, p.13).

ASPECTOS SOCIOGEOGRÁFICOS E METODOLÓGICOS

Para vislumbrar o campo de atuação e, não apenas isso, mas da mesma maneira a vida integral dos educadores, é necessário analisar todo o contexto no qual estamos inseridos. Os alunos e alunas que formam o corpo discente da Escola de Ensino Médio Doutor João Ribeiro Ramos na cidade de Sobral, possuem algumas características interessantes no que concerne ao seu

⁵As reflexões de Mauro Iasi apresentam uma forma de pensar sobre as estruturas que sustentam o sistema educacional estarem "cravadas" por características de produção e reprodução ideológica, que encontram respaldo nas discussões da fonte sobre o papel da ideologia no capitalismo contemporâneo. Segundo o filósofo: "uma das características do capital-imperialismo hoje é que ele transita pelas formações sociais através de mediações políticas e financeiras muito mais complexas que precisam ser compreendidas. Vivemos a era da subordinação real do trabalho ao capital e isto tem implicações políticas. O capital pode se dar ao luxo de descentralizar a produção e, em parte o controle, porque a vida só pode se reproduzir submetida aos ditames do processo de acumulação" (IASI, 2020, p. 411).

⁶A concepção materialista da realidade aponta que a consciência não paira acima da vida prática como algo autônomo ou independente. Pelo contrário, ela surge e se desenvolve a partir da relação prática do ser humano com a natureza, mediada pelo trabalho e organizada socialmente: "A ideia de Marx é que só se pode falar de uma consciência humana, de uma vida consciente, de uma dimensão espiritual, na medida em que forem postas, se efetivarem, as relações históricas, reais, da relação dos homens com a natureza e entre si, relações fundadas na satisfação das necessidades e mediadas pelo ato laborativo" (MAIA; OLIVEIRA, 2020, p. 51).

perfil. Esses alunos, em sua maioria de baixa renda, nasceram e se criaram em alguns bairros de periferia sobralense, dentre eles, bairro Alto Novo, Sem Terra, Tamarindo, Sumaré e Pantanal. Existem também algumas ruas que detêm um poder aquisitivo oriundo da violência e do tráfico, como a rua Pintor Lemos, popularmente conhecida como "Pitolema", e a rua Joaquim Miguel, conhecida como "Rua do Bueiro". Essas áreas são ocupadas e disputadas constantemente pelas facções que ali dominam.

O contexto de violência ocasionado é relativamente recente, pois as facções se firmaram na cidade de Sobral por volta de 2014. Esses alunos nasceram entre os anos de 2005 e 2008, o que significa que essas disputas vieram se intensificar no auge de suas respectivas infâncias e que algumas considerações devem ser feitas. O psicológico de uma criança que cresce na conjuntura de homicídios, roubos, assaltos, sequestros, furtos, feminicídios, violência doméstica, violência contra LGBTQIAPN¹⁰ sofre de traumas e mecanismos de defesa que são utilizados para lidar com situações de estresse e contradição¹¹.

Esses mecanismos de defesa, tais como repressão, negação, projeção e também Formação Reativa podem dificultar o trabalho do educador, principalmente quando ocorrem contradições na própria trajetória de aprendizado do aluno. Paulo Freire, ao afirmar que "Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor" (FREIRE, 2023, p. 00), evidencia que a reação negativa do aluno pode se tornar também violenta.

Tais discentes convivem cotidianamente em uma realidade marcada pela violência urbana, que atravessa suas vidas de forma brutal e silenciosa. Nesse sentido, o luto provocado por assassinatos de familiares, amigos e vizinhos não é um evento raro ou distante, na verdade é uma experiência concreta, íntima e devastadora. Muitos desses jovens crescem em contextos de vulnerabilidade, onde a morte violenta não é uma exceção, mas parte da paisagem social, naturalizada como um destino quase inevitável das periferias.

O impacto de uma morte não pode ser mensurado, mas pode ser analisado. De acordo com Mauro Iasi,

A morte nos coloca diante de uma ambivalência. Ela é vista como uma pura casualidade natural, como parte inevitável da existência, mas, ao mesmo tempo, como ameaça inexorável de destruição da pessoa, como ameaça suprema e aterrorizante. Freud tendia a acreditar que a base de nossa atitude perante a morte residia nessa ambivalência, isto é: um mecanismo de defesa diante de uma ameaça de nossa própria morte que ora a naturaliza como mera casualidade, ora nos serve de artifício para contornar a culpa que advém do desejo inconsciente da morte de outra pessoa (IASI, 2021, n.p.).

Dessa forma, Mauro Iasi nos auxilia na reflexão sobre a morte para esses jovens. Às vezes, o luto provocado pela morte é vivido ora como uma "casualidade natural", ou seja, uma estratégia psíquica de defesa para suportar o trauma e manter a vida em movimento, ora como uma ameaça aterrorizante, que reafirma a sensação de insegurança constante e a fragilidade da existência. Esse mecanismo de defesa, como sugere Freud, revela uma tensão interna entre naturalizar a morte como forma de evitar o desespero diante de sua crueldade, enquanto se tenta lidar com a culpa e o medo que emergem do desejo inconsciente de sobreviver à custa do outro.

Essa ambivalência psíquica se agrava em um contexto insalubre, tanto física, por conta do contexto de vulnerabilidade social, quanto emocionalmente, em que esses jovens estão inseridos. Nesse sentido, a precariedade da infraestrutura urbana, característica dos bairros da periferia sobralense, como moradias degradadas, saneamento básico inexistente e ausência de espaços seguros de convivência, reflete diretamente nas condições de saúde física e mental desses sujeitos.

A palavra "pirangagem", segundo o dicionário Priberam da Língua Portuguesa, significa qualquer ação ou comportamento que demonstre mesquinha ou aproveitamento excessivo; já o dicionário Aurélio define a palavra pirangueiro como uma característica de quem é reles; diz-se dessa pessoa; desprezível. Nas regiões periféricas da cidade de Sobral, o termo pirangagem remete a situações de violência, extremo desconforto e de criminalidade. O pirangueiro ou pirangueira é a pessoa que assume a condição de criminoso ou se

⁷Alienação, no sentido fundamental do termo, refere-se à perda do controle: sua incorporação em uma força alienígena que se confronta com os indivíduos como poder hostil e potencialmente destrutivo" (MÉSZÁROS, 2016, p. 14).

⁸A alienação muitas vezes pode influenciar no mal funcionamento do corpo e da mente, ocasionando em problemas físicos e psicológicos, sobretudo no contexto do neoliberalismo avançado (cf. DUNKER, 2020, p. 170-212).

⁹Sumaré e Pantanal são territórios do Primeiro Comando da Capital - PCC, a rua Pintor Lemos é território da MASSA e os demais bairros Sem Terra, Alto Novo, Tamarindo e rua Joaquim Miguel são territórios do Comando Vermelho - CV.

¹⁰Além dessas letras, há algumas correntes que indicam para uma sigla completa ser: LGBTQQICAAPF2K+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Questionando, Intersexuais, Curioso, Assexuais, Aliados, Pansexuais, Polisssexuais, Familiares, 2-espíritos e Kink).

¹¹Para saber mais sobre o assunto, ver FREUD, Anna. O ego e os mecanismos de defesa. Porto Alegre: Artmed, 2006.

associa a este de alguma forma. Esses termos são frequentemente utilizados pelos discentes para expressar seu significado mediante a oportunidade. Assim, a condição de pirangagem é retratada por muitos ao manifestar seu descontentamento com algum acontecimento ou condição.

Ao apreender esses conceitos, o educador precisa entender que essa realidade deve ser colocada como pressuposto em qualquer prática pedagógica. Para seu diálogo dar certo, há a exigência de encaixar essas conjunturas para fazer sentido ao educando, uma vez que a sua realidade tem por necessidade a desmistificação do indiferente.

Sob essa perspectiva, na sala de aula, trazer o indivíduo ao centro da ágora não é tarefa fácil, e as ciências humanas para fazerem sentido ao aluno devem ser pragmaticamente acessíveis. Uma ferramenta que também pode auxiliar o desempenho do educador é retirar o educando, momentaneamente, da sua localidade. Como em Sobral há uma dificuldade em locomoção dos alunos devido aos confrontos entre as facções, as visitas escolares a ambientes de cultura regional, histórica e letrada é uma excelente opção.

Dessa forma, na sala de aula, a codificação e a descodificação dos fatos, das palavras e também dos sentidos, permitem ao aluno fazer a leitura da sua própria vida. As suas ações, o seu pensamento e também o não pensar, são reflexos cobertos e descobertos de um mundo que existe ao seu redor. A sua postura, inicialmente passiva no contexto no qual está inserido, forma-se de revolta. Mas revolta por que e de que exatamente? Revolta-se pela sobrevivência em um mundo que ele não compreende.

As ciências humanas possuem uma característica de fazer o estudante compreender essa realidade por inúmeras facetas. Especialmente, as determinações geográficas impedem a locomoção com liberdade, a qual é garantida constitucionalmente e que perde o sentido dentro da realidade brutal de um projétil de bala, simplesmente por ter dado um passo a mais do que deveria. Ademais, a estética que compõe seu corpo, assim como sua linguagem, postura e andado, entrega um pacote de estereótipos "simples" de pessoa marginalizada. E por ser marginalizada, deve ser furtada, pela própria materialidade da sua vida ou pela sua vida material.

Os símbolos e sinais representam uma constante determinante na vida dos indivíduos que compõem essa realidade. O "2" ou "3", até mesmo o "neutro"¹², indicam

uma identidade decretória e extremamente ideológica. Evidenciam-se aqui algumas das resoluções que compõem a vida dos indivíduos na periferia e a possibilidade da construção da vida para além dela.

A codificação pode categorizar a existência desses fatos, já a descodificação é encontrada quando se pode pensar para ademais desta. Não apenas isso, esse processo também intercala a codificação de sua cultura, de sua linguagem, de sua sexualidade e de sua personalidade. Em suma, o encontro consigo é o encontro com o outro, dessa vez, buscando a essência não mostrada de suas relações sociais. Assim, as ciências humanas assim como podem ser uma porta de entrada, podem ser uma porta de saída, no seu processo crítico e educacional.

O educador que pensa estar conscientizando ativamente o educando se engana, pois ambos se educam no processo de conscientização, aprendem uns com os outros, decodificam e instauram a criticidade, na medida em que vão se mediando com o mundo real. Ademais, o educador, ainda na condição de alienado, possui a falsa sensação de arrogância. Ele considera que o educando não compreende as ciências empíricas e sua própria realidade, e por esse motivo, age com indiferença para o processo educacional em si, ou seja, a educação em seu caráter formal. Essa falsa sensação de superioridade do educador nada mais é do que a legitimação da dominação ideológica que cerca ambos. A indiferença acusada ao educando volta-se ao educador, o derrotando no processo de conscientização.

Aprender tudo isso é um processo complexo, sobretudo diante das adversidades da sala de aula. Nesse sentido, questiona-se: como narrar em contexto de alienação, se a própria alienação é estranha tanto para o educador quanto para o educando? Para esse tipo de educação bancária, Freire argumenta

Falar da realidade como algo parado, estático, compartimentado e bem-comportado, quando não falar ou dissertar sobre algo completamente alheio à experiência existencial dos educandos, vem sendo, realmente, a suprema inquietação desta educação. A sua irrefreada ânsia. Nela, o educador aparece como seu indiscutível agente, como seu real sujeito, cuja tarefa indeclinável é "encher" os educandos dos conteúdos de sua narração (FREIRE, 2023, p. 79).

A memorização mecânica de informações só corrobora para a lógica educacional de acúmulo de conhecimento, o qual é vazio e abstrato e, muitas vezes, não se efetiva na prática. Sua memorização constantemente se torna impossível, frustrando o

¹²O número 2 representa a facção Comando Vermelho, o número 3 ao Primeiro Comando da Capital, enquanto neutro, a qualquer facção que não sejam as duas citadas anteriormente.

educando e, também, o educador.

A participação da nossa escola no curso "O protagonismo feminino e a luta das mulheres", realizado pela Secretaria de Educação – Seduc, foi assídua e estimulante. O evento teve como objetivo evidenciar o lugar da mulher na sociedade. Muitas questões foram refletidas, tais como a importância do protagonismo feminino, a luta por direitos civis, políticos, trabalhistas e previdenciários, assim como o próprio reconhecimento da mulher na sociedade, levando em conta diferentes áreas de atuação. A ação ocorreu por meio da Coordenadoria Estadual de Formação Docente e Educação a Distância (Coded/CED) e da Coordenadoria de Educação em Direitos Humanos, Inclusão e Acessibilidade (COEDH).

Durante a jornada do curso, alunas e alunos conheceram um pouco de tudo. Na palestra: "Mulheres na educação: transformando o presente e construindo o futuro", realizada em 07/03/2024, dia que antecedeu o Dia Internacional da Mulher, houve a oportunidade dos nossos educandos terem impressões sobre as mulheres desempenharem papel crucial na educação, influenciando tanto o presente quanto o futuro de várias maneiras significativas. Dentro de um contexto de violência doméstica e dominação patriarcal, é fundamental que as alunas tenham a experiência de conhecer mulheres da educação, uma vez que esse encontro pode mostrar caminhos alternativos para a composição de sua história e subjetividade.

Posteriormente, alunos do 2º ano do turno da noite e alunas da turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA) participaram do curso "O protagonismo feminino e a luta das mulheres", que teve participação da Reitoria da Universidade Estadual Vale do Acaraú e da Coordenadoria Estadual da Formação Docente e Educação a Distância (CED), promovido pela Seduc em março de 2024. O evento abordou temas ligados à luta pelos direitos das mulheres e a sua participação na educação e na sociedade.

As alunas da EJA também construíram o evento. Sendo todas mães, trabalhadoras, donas de casa e principal fonte de renda de seus lares, a participação destas foi de fundamental importância. Todas elas sonham em ingressar na universidade, portanto, observar as jornadas que outras mulheres tiveram para chegar nesses espaços é de profunda relevância para sua motivação e para o desenvolvimento de seu aprendizado.

No dia 21/03/2024, participamos da palestra que teve como tema "A Mulher na Construção do Estado

Democrático de Direitos". Esse momento foi crucial para a participação de nossas alunas que tiraram dúvidas sobre como mulheres vítimas de violência doméstica podem denunciar e buscar apoio de várias formas, tais como nas Delegacias de Defesa da Mulher, onde podem registrar boletins de ocorrência e solicitar medidas protetivas, através do Disque 180, serviço nacional disponível 24 horas por dia para denúncias anônimas. Além disso, a Casa da Mulher Cearense em Sobral oferece serviços especializados como delegacia, defensoria pública, promotoria e apoio psicossocial, abrigo para a vítima e seus dependentes, assim como empregos para conseguirem seu sustento.

Nossos discentes também participaram de um momento único de reconhecimento e pertencimento à sua comunidade. No dia 29/05/2024 participamos do minicurso "Patrimônio Industrial", no I Seminário Internacional Cidades Médias e Planejamento Urbano, organizado pelo Mestrado Acadêmico de Geografia (MAG) da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Nesse dia, os estudantes trocaram experiências e aprendizados sobre a antiga fábrica de tecidos de Sobral, a Companhia Fabril de Sobral – CFTEDA. A fábrica foi uma das mais importantes indústrias têxteis do estado do Ceará. Fundada em 1894 na cidade, a CFTED foi pioneira na produção de tecidos na região, desempenhando um papel crucial no desenvolvimento econômico e social do município e seus arredores¹³.

Nossos alunos aprenderam muito sobre a história da Revolução Industrial na cidade de Sobral e toda a relevância econômica e cultural que se voltava para a classe trabalhadora sobralense, sobretudo a que estava empregada na fábrica de tecidos¹⁴. Desse modo, a experiência do minicurso foi importante para os jovens entenderem o processo histórico e social através da simbologia da chaminé da antiga fábrica, que fica localizada nas proximidades dos seus lares, sendo possível destacar "uma potencialização e uma maior percepção da riqueza existente nas narrativas desses sujeitos sociais" (SALES, 2010, p. 03).

A visita serviu também para que eles se familiarizassem e conhecessem o Campus do Mucambinho da Universidade Federal do Ceará, suas instalações e os cursos que ali funcionam. Visitando a Universidade, perceberam que aquele lugar deve ser ocupado por eles e que a academia precisa ser o espaço de produção e circulação de saberes críticos. Essa experiência de contato direto com o ambiente universitário não se limitou a uma visita turística; constituiu-se como um gesto simbólico de reconhecimento de si mesmos como futuros sujeitos acadêmicos e agentes de transformação social. Ao

atravessar corredores, laboratórios e bibliotecas, os estudantes apreenderam não apenas as possibilidades de acesso ao ensino superior, mas, sobretudo, a dimensão política desse espaço: entenderam que a universidade, historicamente reservada às elites, pode – e deve – ser convertida em território de luta pelo conhecimento libertador.

Nesse sentido, a vivência no Campus do Mucambinho funcionou como um gerador temático freiriano, suscitando perguntas sobre quem tem direito de estudar e produzir saber. A simbologia da chaminé, a memória da fábrica de tecidos e o próprio espaço universitário articularam-se em uma teia de significados que ultrapassa a simples transmissão de conteúdos: trata-se de uma práxis em que teoria e prática convergem para reforçar a ideia de que a educação é instrumento de emancipação. Assim, os alunos passaram da condição de espectadores da história local para coautores de suas narrativas, percebendo que ocupar a academia é também reivindicar o direito de intervir no mundo.

CONCLUSÃO

O relato de experiência apresentado indica que é viável integrar teoria marxista e prática pedagógica em contextos escolares periféricos. Diante disso, a aproximação do conteúdo educacional com a realidade concreta dos estudantes – por meio de atividades culturais, debates sobre problemas sociais e estudo da própria história local – demonstrou-se eficaz para desenvolver consciência de classe e de direitos entre os educandos.

Salienta-se que aproximar o conteúdo educacional da realidade vivida, por meio de atividades culturais, debates sobre problemas sociais e estudo da própria história local, é coerente com a investigação do "universo temático" do povo¹³, que consiste no conjunto de seus temas geradores, presentes em sua situação existencial. Essa investigação, conforme Freire, deve ser um esforço comum de consciência da realidade e de

autoconsciência, e sua metodologia deve ser dialógica e conscientizadora.

Ao vincular a teoria libertadora à realidade vivida, tornou-se ainda mais evidente para os alunos a importância das ciências humanas como proposta para a interpretação de suas respectivas realidades. Dessa forma, a função emancipadora da educação, de forma dialética, negou a visão da escola como mero instrumento de reprodução ideológica. Para Marx e Engels, a ciência é multifacetada, e na concepção marxista, a ciência se tornou sinônimo de um meio indispensável para a libertação dos trabalhadores. Ademais, a concepção revolucionária do materialismo de Marx é vista como uma filosofia da prática, na qual o autor argumentou que a filosofia, após interpretar o mundo de várias maneiras, deveria agora transformá-lo (cf. MARX; ENGELS, 2007, p. 535).

Em suma, a teoria marxista não se limita a interpretar o antagonismo, mas constitui uma intervenção. O objetivo da atividade científica dentro do movimento operário é a libertação do ser humano. O desenvolvimento de indivíduos multifacetados e plenamente desenvolvidos pode ser capaz de alternar atividades intelectivas diversas, portanto, poderá ser apresentado como uma meta que exige a superação da antiga divisão do trabalho e do pleno desenvolvimento da consciência de si e das relações sociais.

Nesse processo, evidenciou-se a importância de colocar os sujeitos oprimidos no centro do processo educativo, pois Marx identificou o proletariado como a classe agente da transformação. Os fundadores do socialismo científico são vistos não como indivíduos heróicos, mas como portadores de necessidades de conhecimento e ciência que são articuladas pela classe como sujeito social. Parafraseando Freire, esse processo dialógico e a práxis (ação e reflexão) iniciada no chão da sala de aula ajuda a humanidade a superar o estado de objetos dominados e a assumir o de sujeitos da História, o que implica em uma compreensão crítica de sua situação.

¹³A fábrica de tecidos instalada com o nome Ernesto & Ribeiro, em Sobral, no ano de 1894, foi a primeira grande fábrica que inseriu o município na divisão espacial da produção industrial. Comandada por dois sócios, Ernesto Deocleciano de Albuquerque, cearense, nascido em Aracati, mas residindo em Sobral, exportador e beneficiador de algodão, e Cândido José Ribeiro, industrial do ramo têxtil no Maranhão, a fábrica demorou três anos para ficar pronta, iniciando sua produção com maquinário importado da Inglaterra" (BESSA; AGATA, 2025, p. 16).

¹⁴ Para uma reflexão sobre como a referida fábrica foi importante e pioneira na industrialização de Sobral, com um impacto significativo no desenvolvimento econômico e social da cidade e região, vale a pena destacar "Alguns pontos devem ser destacados em relação ao grande período de 'trunfo' desta fábrica, como a localização geográfica da cidade de Sobral, que surgiu às margens do rio Acaraú, ponto de confluência de mercadorias por via fluvial e terrestre, além da proximidade dos portos de Camocim e Acaraú, o que contribuía para o intercâmbio de produtos regionais e internacionais" (BESSA; AGATA, 2025, p. 46).

¹⁵ Esta investigação implica, necessariamente, numa metodologia que não pode contradizer a dialogicidade da educação libertadora. Daí que seja igualmente dialógica. Daí que, conscientizadora também, proporcione, ao mesmo tempo, a apreensão dos "temas geradores" e a tomada de consciência dos indivíduos em torno disso. Esta é a razão pela qual (em coerência ainda com a finalidade libertadora da educação dialógica) não se trata de ter nos homens o objeto da investigação, de que o investigador seria o sujeito. O que se pretende investigar, realmente, não são os homens, como se fossem peças anatômicas, mas o seu pensamento-linguagem referido à realidade, os níveis de sua percepção desta realidade, a sua visão do mundo, em que se encontram envolvidos seus "temas geradores" (FREIRE, 2023, p.121).

REFERÊNCIAS

- BESSA, Telma; AGATA, **Sophia**. **Sobral e patrimônio industrial: outros olhares, outras memórias, outras histórias**. - Sobral/CE: Sertão Cult, 2025.
- DUNKER, Christian. **A hipótese depressiva**. In: SAFATLE, V; JÚNIOR, N. da S; DUNKER, C. **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. SAFATLE, V; JÚNIOR, N. da S; DUNKER, C. (Org.). São Paulo: Autêntica, 2020. p. 170-212.
- DUSSEL, Enrique. **Ética da libertação: Na idade da globalização e da exclusão**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- DUSSEL, Enrique. **Método para uma Filosofia da Libertação**. São Paulo: Edições Loyola, 1986.
- ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 87ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.
- FREUD, Anna. **O ego e os mecanismos de defesa**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- FRIORI. **Aprender e dizer a sua palavra** (1967). **Prefácio de "Pedagogia do oprimido" de P. Freire**. 87ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.
- IASI, Mauro Luís. **Ensaio sobre consciência e emancipação**. 2ª edição. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- IASI, Mauro Luís. **Lenin e o seu legado histórico, 150 anos depois**. GERMINAL: MARXISMO E EDUCAÇÃO EM DEBATE, v. 12, p. 406-413, 2020.
- IASI, Mauro Luís. Nem luto, nem melancolia. **DERIVAS ANALÍTICAS**, v. 15, p. eletrônica, 2021.
- MAIA, Antônio Glaudenir Brasil; OLIVEIRA, Renato Almeida de. **Política, Religião e Emancipação leituras contemporâneas**. Sobral: Sertão Cult, 2020.
- OLIVEIRA, David Machado de; NASCIMENTO, Kananda Vasconcelos; COSTA, Roberta Liana Damasceno. A Educação Como Ferramenta Emancipadora Em István Mészáros. **Revista Dialectus**, v. 29, p. 173-185, 2023.
- SALES, T. B. Trabalhadores da fábrica de tecidos de Sobral – muitas histórias e outras memórias. **Revista Historiar**, [S. l.], v. 3, n. 4, 2013. Disponível em: [//historiar.uvanet.br/index.php/1/article/view/52](http://historiar.uvanet.br/index.php/1/article/view/52). Acesso em: 31 maio. 2025.